

O príncipe perverso

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Uma lenda.

Era uma vez um príncipe mau e arrogante, cujo único pensamento era conquistar todos os países do mundo e fazer seu nome inspirar terror. Avançava com fogo e espada; seus soldados pisoteavam o trigo nos campos e incendiavam a casa do camponês, de modo que as chamas vermelhas lambiam as folhas das árvores, e as frutas pendiam assadas nos galhos negros e chamuscados. Muitas mães infelizes se escondiam, com seu bebê nu ainda de peito, atrás do muro fumegante. Os soldados as procuravam e, quando encontravam a mãe e a criança, começava sua alegria diabólica. Espíritos malignos não poderiam agir pior. Mas o príncipe achava que tudo ia como devia: dia após dia crescia seu poder, seu nome era temido por todos, e a sorte o acompanhava em tudo o que fazia. Das cidades conquistadas trazia ouro e grandes tesouros. Em sua capital se acumulava uma riqueza sem igual em qualquer outro lugar. Mandou então construir magníficos palácios, igrejas e arcadas, e todos os que viam aquelas maravilhas diziam: “Que grande príncipe!” Não pensavam na miséria que ele levava a outros países; não ouviam os suspiros e lamentos vindos das cidades incendiadas.

O príncipe olhava seu ouro e suas construções esplêndidas e pensava como a multidão: “Que grande príncipe! Mas preciso ter mais, muito mais! Nenhum poder pode ser chamado igual ao meu, quanto mais superior!” Fez guerra a todos os vizinhos e venceu todos. Mandava prender os reis derrotados à sua carruagem com correntes de ouro, quando passava pelas ruas. Quando se

sentava à mesa, eles tinham de ficar deitados a seus pés e aos dos cortesãos, apanhando os pedaços de pão que lhes atiravam.

Então o príncipe mandou erguer sua estátua nas praças e nos palácios reais. Queria até que ela fosse posta nas igrejas, diante do altar do Senhor. Mas os sacerdotes disseram:

— Príncipe, você é grande, mas Deus é maior. Não ousamos fazer isso.

— Pois bem — disse o príncipe perverso —, então vencerei também a Deus!

Na arrogância e insensatez de seu coração, mandou construir um engenhoso navio em que pudesse percorrer os ares. Era colorido como a cauda do pavão e parecia coberto de mil olhos, mas cada olho era um cano de espingarda. O príncipe se sentava no meio do navio e só precisava apertar uma mola: mil balas saíam voando, e as espingardas já estavam carregadas novamente. Cem águias fortes foram atreladas à frente do navio, e assim ele voou em direção ao sol. A Terra ficava muito abaixo. Primeiro, com suas montanhas e florestas, parecia apenas um campo arado, em que o verde desponta entre os torrões de relva revolvidos; depois parecia um mapa plano, e logo desapareceu inteiramente na névoa e nas nuvens. As águias voavam cada vez mais alto. Deus enviou então um só de seus incontáveis anjos, e o príncipe perverso mandou disparar mil balas contra ele. Mas as balas caíram como granizo, repelidas pelas asas brilhantes do anjo. Uma gota de sangue, uma única gota, pingou da pena branca da asa e caiu sobre o navio em que o príncipe estava. Cravou-se ali, queimando; pesava como mil quintais de chumbo e arrastou o navio em queda vertiginosa para a Terra. As fortes asas das águias se quebraram, o vento assobiava em torno da cabeça do príncipe, e as nuvens ao redor — nascidas, afinal, das cidades incendiadas — tomavam formas ameaçadoras: lagostins que mediam milhas e estendiam para ele suas garras

poderosas; blocos de rocha que rolavam; dragões que cuspiam fogo. Ele estava quase morto no navio, que por fim ficou preso entre os galhos grossos da floresta.

— Vencerei a Deus! — disse. — Eu jurei! Minha vontade será feita!

Durante sete anos mandou construir navios engenhosos para percorrer os ares e forjar raios com o aço mais duro, pois queria explodir as fortificações do céu. Reuniu grandes exércitos de todos os seus países. Postados lado a lado, os homens cobriam uma extensão de muitas milhas. Subiram nos navios engenhosos, e o próprio rei se aproximava do seu quando Deus enviou um enxame de mosquitos, um único pequeno enxame. Ele zumbia em torno do rei, picando-lhe o rosto e as mãos. Furioso, o rei puxou a espada, mas só golpeou o ar vazio; não conseguia atingir os mosquitos. Ordenou então que trouxessem tapetes preciosos e o envolvessem neles. Nenhum mosquito conseguiria atravessá-los com seu ferrão. Fizeram como ele mandou. Mas um único mosquito pousou no tapete mais interno, entrou no ouvido do rei e o picou ali. Ardia como fogo; o veneno lhe subiu ao cérebro. Ele se desvencilhou, arrancou os tapetes, rasgou as roupas e dançou nu diante dos soldados brutais e ferozes, que agora zombavam do príncipe enlouquecido: quisera assaltar a Deus e logo fora vencido por um único mosquito pequenino.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-principe-perverso>